

THALITA REBOUÇAS

FALTA
FÉRIAS!

amiga!

ROCCO
JOVENS LEITORES



3 anos

Eu te odeio!

Tinha duas piscinas no prédio da Cristina, uma amiga de longa data da mamãe. Uma grande, para adultos, e outra menor, para gente pequena. Era pra lá que eu e minha mãe íamos quando ficávamos com preguiça de atravessar o túnel pra ir à praia. Tenho boas recordações dos sábados e domingos que passei rindo e jogando água pra cima, infinitamente feliz por estar naquela clorada imensidão azul. Como criança fica amiga de outra criança em questão de segundos, fiz várias amiguinhas, mas logo surgiu uma amizade que parecia mais sólida que as outras. Mariana era o nome dela. Brincávamos juntas e nos esbaldávamos até a hora de ir embora, com os dedos enrugados e um choro dramático e chantagista que lançávamos para nossas respectivas mães com a esperança de conseguirmos ficar mais um pouco sob o sol.

Quando a gente é criança, diz coisas sem pudor; coisas que jamais adultos diriam, e acho que esse é o grande barato de ser criança. Era uma típica manhã de verão carioca, no meio das férias, fim de

janeiro, o céu azul sem nuvens e várias pessoas nadando e se divertindo. Eu e Mari ficávamos, claro, na piscina infantil, e, naquele dia, ela levava um regador, além dos apetrechos que sempre carregava para nossas tardes ensolaradas. Eu, se não me falha a memória, estava munida de balde, bonequinhos coloridos e aquele minhocão que faz boiar.

Brincávamos felizes quando ela sugeriu que regássemos o balde.

– Não quero.

– Por que não?

– Porque não. Acho bobo isso. Rega sozinha, Mari.

– Sozinha eu não quero regar.

– Então não rega. Vamos brincar de quê, então?

– De nada. Eu quero regar o balde!

– Eu não vou regar balde nenhum! A gente rega planta, não balde! Dã-ã!

– Vem regar comigo!

– Não vou!

– Manhêêê!!!! – berrou para toda a Tijuca ouvir. – A Maria de Lourdes não quer brincar comigo.

No que Alzira, a loura musculosa que vinha a ser a mãe da Mari, respondeu, sem dar a menor atenção ao drama da filha:

– Brinca de outra coisa, então.

Mas a menina não estava para outra brincadeira e disse uma frase – que nenhum adulto jamais diria a outro – olhando na minha cara, no fundo dos meus olhos:

– Eu te odeio.

Fiquei pasma. Ela me odiava só porque eu não queria brincar uma brincadeira idiota de regar balde? Ah, fala sério! Menina mais ranco-rosa!

O fato é que desde pequena eu não sei levar desaforo pra casa e reagi madura, segura, com outra frase que abalaria seus 90 centímetros de estatura:

– Eu também te odeio. Odeeeeeio!

– Me odeia por quê? – ela quis saber.

– Porque você é chata, só gosta de brincar de coisas chatas – justifiquei minha agressão.

– Chata é você. Mãe! A Maria de Lourdes me chamou de chata!

– Maria de Lourdes! Olha a educação, a Mari é sua amiguinha, amiguinhas não brigam! – brigou minha mãe, sem dar muita pelota à peleja infantil, já que conversava animadamente com Alzira e Cristina.

– Foi ela que começou!

– Não me interessa quem começou. Vamos acabar com isso agora! – decretou minha mãe, sem um pinga de paciência, da espreguiçadeira.

Não deu nem cinco segundos e Mari, pelo visto, parou de me odiar:

– Maria de Lourdes, vamos brincar de outra coisa, então?

– Tá.

– Vem cá, deixa eu te fazer boiar.

Ela me deitou, apoiou minha cabeça no minhocão e começou a me deslizar pela piscina, achei bem gostoso. Mas, para mim, nossa discussão aquática ainda não tinha terminado.

– Ô, Mari, esqueci de dizer que eu te odeio também porque você não devolve os brinquedos que eu te empresto.

– Manhê! A Maria de Lourdes me chamou de ladrona!

– É ladra, Mariana! La-dra! – corrigiu minha mãe.

– Eu vou enforcar você, Maria de Lourdes – avisou, enquanto começou a enrolar o minhocão no meu pescoço.

– Mariana, isso não é legal, essa brincadeira não é legal. A Maria de Lourdes é amiga! E ela é tão legal com você. . .

– Ela não é legal, mamãe! A Maria de Lourdes é chata – retrucou Mari.

– Eu não gosto quando vocês me chamam de Maria de Lourdes! Por isso quem não é legal é você, Mariana! – reagi, quase sem fôlego.

– Mas é seu nome! – argumentou Mari, já deixando de lado seu instinto assassino.

– Eu sei, mas eu odeio meu nome.

– De que você quer que eu te chame?

– Malu.

– Fofo. Tá bom, Malu. Combinado. Você pode me chamar de Alfreda, então?

– Alfreda? Por quê?

– Porque eu gosto, acho bem mais bonito que Mariana.

– Ah, isso é – surtei.

Esse era apenas o começo do dia. Briguei e fiz as pazes com a Alfreda inúmeras vezes mais e deixamos combinado um encontro no próximo fim de semana. E eu jurei que, no domingo seguinte, ajudaria minha amiga de piscina a, uau!, brincar de regar o balde.